

Sobre interartes: Macunaíma em três edições de Histórias em Quadrinhos

Sobre intermedialidad e interartes: Macunaíma en la Historieta

On intermediality and interarts: Macunaíma in Graphic Novel



Cássia Macieira¹

Resumo: Os motivos que fundamentam as reedições, traduções em outros sistemas sígnicos e edições comemorativas de *Macunaíma*, obra de Mário de Andrade, lançada em 1928, podem ser muitos: a obra é intermedial, intertextual e intercultural. Os Estudos Interartes possibilitam entender os diálogos entre as mídias e as artes, levando em conta, também, os diferentes suportes. Quando se trata da arte sequencial (*graphic novel*) de *Macunaíma*, que tem como premissa a adaptação de um texto literário em jogo simultâneo de imagens verbais, não verbais e de citações visuais, a narrativa se constitui como inventiva e multissemiótica.

Palavras-chave: Interartes. Histórias em Quadrinhos. Macunaíma.

Resumen: Las razones que subyacen a las reediciones, traducciones a otros sistemas de signos y ediciones conmemorativas de *Macunaíma*, obra de Mário de Andrade, publicada en 1928, pueden ser muchas: la obra es intermedial, intertextual e intercultural. Los Estudios Interarts permiten comprender los diálogos entre los medios y las artes, teniendo en cuenta también diferentes soportes. Cuando se trata del arte secuencial (novela gráfica) de *Macunaíma*, que tiene como premissa la adaptación de un texto literario a un juego simultáneo de imágenes verbales y no verbales y de citas visuales, la narrativa se constituye como inventivo y multisemiótica.

¹ Formação: Doutorado em Literatura Comparada: Literatura, outras Artes e Mídias UFMG (2010-14). Mestrado em Artes UFMG (1999-2001). Graduação em Artes Visuais UFMG: Bacharelado em Gravura (1990-1994), Bacharelado em Cinema de Animação (1996-98). Licenciatura em Letras UNIP Lagoa Santa MG (2010-2016). Licenciatura em Artes Visuais [2019-2021/UNITAU].

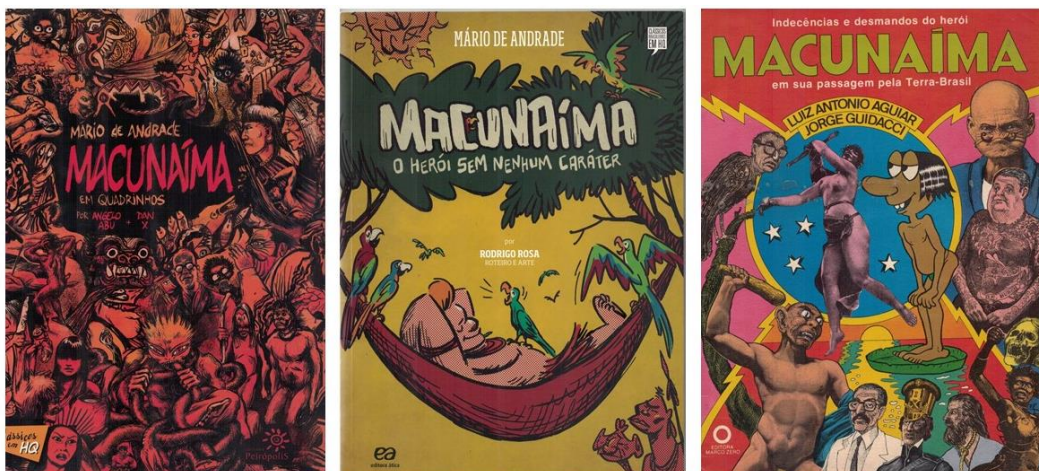
Palabras clave: Interartes. Historieta. Macunaíma.

Abstract: The reasons underlying the reissues, translations into other sign systems and commemorative editions of *Macunaíma*, a work by Mário de Andrade, released in 1928, may be many: the work is intermedial, intertextual and intercultural. Interarts Studies make it possible to understand the dialogues between media and the arts, also taking into account different supports. When it comes to *Macunaíma*'s sequential art (graphic novel), which has as its premise the adaptation of a literary text into a simultaneous game of verbal and non-verbal images and visual citations, the narrative is constituted as inventive and multisemiotic.

Keywords: Interarts. Graphic Novel. *Macunaíma*.

É inelutável criar analogias entre as obras que se nos apresentam, e é particularmente provocativo quando se tem o mesmo objeto polissêmico e multimodal, privilegiado em três edições distintas, como é o caso das Histórias em Quadrinhos (HQs ou graphic novels)² a seguir: *Macunaíma em quadrinhos*, de Angelo Abu e Dan X (2016); *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Rodrigo Rosa (2017); *Indecências e desmandos do herói Macunaíma em sua passagem pela Terra-Brasil*, de Luiz Antonio Aguiar³ e Jorge Guidacci (1984).

Figura 1 – Capas de edições de *Macunaíma* em Histórias em Quadrinhos



Fonte: Acervo da autora.

² “Termo que pode abarcar tanto livros de não ficção como obras genuinamente romanescas” (EISNER, 2015, p. 149).

³ Autor de outras HQs como as adaptações de *Quincas Borba*, *Senhora*, *Meu pé de laranja lima*, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *O alienista*, *Policarpo Quaresma* e *Madame Satã*. (N.A.). Cf.: <https://www.luizantonioaguiar.com.br/quadrinhos>. Acesso em: 20 set. 2023.

Os Estudos Interartes possibilitam entender os diálogos entre várias mídias e as artes, levando em conta, também, os diferentes suportes. Quando se trata da arte sequencial ou sequência visual (*graphic novel*), que tem como premissa a tradução/adaptação de um texto literário em poética verbo-visual, recursos linguísticos (onomatopeias etc.) e estéticos – jogo simultâneo de imagens verbais e não verbais –, tem-se um modo de recepção veloz (ou não) que, pelo ato de condensação/fusão/supressão e todas as possíveis formas de expressão modal, constitui-se numa narrativa multissemiótica, no modo de produção. A terminologia Interartes, sob a perspectiva da Estética Comparada, pode ser compreendida como a relação entre duas ou mais artes (entre/inter), apresentando-se por meio de associações diversificadas: mútua, mixagem, ruptura, concordância, influência, interação, reciprocidade, aproximação, paralelismo e outras. Nesse contexto, percebe-se arte como gênero, linguagem, disciplina, conjunto sígnico, mídia, mídia plurimidiática, combinação de mídias e intermedialidade – “fenômeno ocorrente entre as mídias e categoria de análise crítica” –, considerando-se que “toda arte exige o uso de mídias [...] embora nem toda mídia possa ser qualificada como arte [...]” (OLIVEIRA, 2012, p. 16).

É correto que *Macunaíma* se trata de um cânone: obra literária reconhecida pela “identidade brasileira”, de modo estético-fragmentado, uma “‘embrulhada geográfica proposital’, nas palavras de seu autor, [apontando] tanto para uma aproximação das diversas regiões do Brasil quanto para a diversidade do país” (LOPES, 2013, p. 105). De fortuna crítica sistematizada, a obra *Macunaíma* foi/é consensualmente consolidada por críticos literários, como Telê Ancona Lopez, Gilda de Mello e Souza, Heloísa Buarque de Hollanda, Antônio Candido, Raúl Antelo, José Miguel Wisnik, Eneida Maria de Souza, Manoel Cavalcanti Proença, Haroldo de Campos, Silviano Santiago, Roberto Akira Goto e outros importantes intelectuais brasileiros. O texto literário, adaptado para o cinema⁴ e teatro⁵, tem edições em Língua Portuguesa lançadas quase anualmente, o que corrobora seu *status* de bricolagem da cultura brasileira – exposição das alegrias e ‘malandragens’ –, embasada em pesquisa duradoura e profunda, e “escrita e editada” em 6 dias pelo escritor, folclorista e musicólogo Mário de Andrade (1893-1945). Esse

⁴ Ver análise comparativa entre a obra literária *Macunaíma* e o cinema de Joaquim Pedro de Andrade em: HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Macunaíma: da literatura ao cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio; Empresa Brasileira de Filmes, 1978.

⁵ Entre tantas, tem-se a montagem de Antunes Filho, em 1978. (N.A.).

inventário da cultura oral, musical e de costumes tem como personagem principal o indígena Macunaíma: esperto, malicioso, ingênuo, astuto, carismático e estrategista que faz de tudo (saga) para recuperar uma pedra mágica (muiraquitã) a qual recebera da mãe do seu filho. Sua mulher e filho morrem e Macunaíma se vê “responsável” por recuperar o seu presente – o muiraquitã.

Figura 2 – A figuração do personagem Macunaíma, pelas mãos de Rodrigo Rosa, Abu/Dan X e Luiz Antonio Aguiar/Jorge Guidacci



Fonte: a) ROSA, 2017, p. 10; b) ABU; DAN X, 2016, p. 8, c) AGUIAR; GUIDACCI, 1984, p. 5.

Macunaíma, de Mário de Andrade, obra que fará 100 anos em 2028, vem sendo revisitada, com edições luxuosas, projetos conceituais e adaptações desde a sua primeira publicação, em 1928. Os motivos que fundamentam as reedições e versões comemorativas são muitos: a obra é intermedial, intertextual, intercultural e, nessa conquista editorial de novos leitores, sabe-se que também fomenta fetiche e colecionismos. Aproxima a/o leitor/a de novas maneiras de socialização e encoraja edições com mais profusão de imagens, pois tanto o texto verbal quanto o não verbal são “escrituras” que dialogam com práticas discursivas atualizadas. Hoje, a obra literária *Macunaíma* pode ser encontrada nas livrarias, museus, em coleções raras e sebos. Além das edições especiais, com a colaboração de inúmeros artistas, designers e editoras, tais como: *Macunaíma*, com ilustrações do pintor Luiz Zerbini (Ubu/2017); *Macunaíma*, ilustrado por Mariana Zanetti (FTD/2016); *Macunaíma*, com ilustrações de Camile Sproesser (Antofágica/2022); *Macunaíma de Andrade / Arlindo Daibert*, em celebração ao descobrimento do Brasil e aos 40 anos da Universidade Federal de Juiz de Fora (Ed. UFMG/Ed. UFJF/2000); *Macunaíma*, do designer Gustavo Piqueira (Atelier Editorial/2016) e *Macunaíma*, com ilustrações de Rita Loureiro (Villa Rica/1995).

Mário de Andrade pode ser descrito como o “líder informal do modernismo e conciliador contraditório”⁶, “garimpeiro da cultura popular e do folclore; músico e professor; autor de uma correspondência criativa e crítica sobre literatura, a música e a cultura brasileiras; crítico da própria obra e do modernismo em geral” (JAFFE, 2001, p. 9). Ele fragmentou, combinou, ‘editou’ movimentos europeus *versus* a cultura popular nacional e, ainda, assumia-se um crítico feroz da ‘língua brasileira’ em face da contaminação de lusitanismos gramaticais. Ao relutar em usar a Língua Portuguesa, tradicional e hermética, afirmava-se como um escritor de ‘língua brasileira’, em luta pela valorização da oralidade na escrita. “A originalidade estrutural de *Macunaíma* deriva [...] do livro não se basear na mimese, isto é, na dependência constante que a arte estabelece entre o mundo objetivo e a ficção; mas em ligar-se quase sempre a outros mundos imaginários [...]” (SOUZA, 2003, p. 10). Anticaótica e “meticulosamente estruturada de acordo com princípios de coerência *sui generis*, diretamente hauridos na lógica fabular, explicáveis à luz da tipologia funcional propiana e que, a demais, sabiamente intuídos por uma saga “imaginação estrutural [...]” (CAMPOS, 1973, p. 7). *Macunaíma* é, igualmente:

Um dos livros mais importantes da literatura brasileira, por várias razões: as rupturas narrativas de tempo, espaço e composição de personagem; a ruptura linguística que mistura o culto e o popular, o urbano e o regional, o escrito e o oral, contribuindo para o estabelecimento de uma ‘fala brasileira’; a importância da narrativa como personagem propriamente, que o texto assume como um relato e o narrador como seu relator; a personagem, herói sem nenhum caráter, que se situa além do bem e do mal; o significado geral da obra que sintetiza uma reflexão crítica sobre a personalidade do homem brasileiro (JAFFE, 2001, p. 8).

O homônimo *Macunaíma* – título da obra literária e personagem protagonista – “acumula caracteres heteróclitos que se superpõem muitas vezes sem um traço comum que facilite a evidenciação. Como símbolo popular, é um herói folclórico e daí o seu procedimento libérrimo” (PROENÇA, 1969, p. 16). Nesse sentido, heteróclito e inusitado, tem-se a edição, em HQ, *Macunaíma em quadrinhos*⁷, dos autores Angelo Abu

⁶ Frase do jornalista e biógrafo Jason Tércio sobre Mário de Andrade. In: EM BUSCA da alma brasileira – uma biografia de Mário de Andrade. Canal Saúde, Ciências e Letras. Vídeo. Color. 25 min. 28 seg. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vYzN3_v2ZB4. Acesso em: 20 set. 2023.

⁷ Projeto editorial de Renata Farhat Borges e Mauricio Muniz. Leitura crítica de Silvia Oberg. O formato tem 27 cm x 20 cm e é colorido. Constitui a série da Ed. Peirópolis intitulada *Clássicos em HQ*. (N.A.).

e Dan X, 80 páginas, editado pela Peirópolis em 2016, apresentando os recursos visuais e linguísticos das HQs, além de camadas intertextuais e icônicas, promovendo uma recepção intercultural da obra.

Esse livro foi investigado ricamente em *Macunaíma em quadrinhos: uma rapsódia gráfico-visual antropofágica* (2018), de Lucineide Magalhães de Matos, a partir de uma leitura intersemiótica e tendo, como fio condutor, a representação do modernismo na narrativa sequencial de Angelo Abu e Dan X. Para Matos (2018), a HQ desses autores ou “narrativa gráfico-visual antropofágica, partilhada por índices como artes, cores e traços estilísticos de desenhos”, evidencia tanto o modernismo quanto a interação do aspecto verbal e não verbal. Sobre o assunto, ela conclui:

[A autora nos leva] a perceber a experiência visual peculiar da obra, ao inserir em suas páginas elementos que remetem tanto à prosa de Mário de Andrade quanto à própria história do modernismo. Boa ilustração encontra-se na transcrição do cartaz da Semana de Arte Moderna de 1922 e das telas reeditadas para a HQ, como o Abaporu, de autoria da artista plástica modernista Tarsila do Amaral. [...] A tradução intersemiótica na HQ fortalece relações textuais capazes de produzir sentido e de reforçar a importância do texto-fonte ao tempo em que também distingue, estrategicamente, a linguagem quadrinística e suas mensagens visual e verbal. Trata-se de uma forma diferente de narrar, contemplando outros saberes, outras técnicas, e sobretudo cruzando essas muitas possibilidades de expressão, que somente enriquecem o mundo repleto de linguagem as quais mais dialogam do que divergem (MATOS, 2018, p.118)

A obra de Abu e Dan X foi selecionada para o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), em 2018, na Categoria 6 (Obra literária voltada para estudantes do Ensino Médio) cujos temas contemplados à época eram: Diálogos com a sociologia e antropologia; Ficção, mistério e fantasia. Para além dessa adesão e sintonia com as temáticas contemporâneas, essa obra interartes oferece, de igual modo, uma estratégia de metalinguagem e similaridade na medida que os próprios autores se inserem na obra como coautores e participantes (alusão à própria antropofagia), configurando-se numa *mise en abyme* ou (re)citação:

Consiste num processo de reflexividade literária, de duplicação especular. Tal autorrepresentação pode ser total ou parcial, mas também pode ser clara ou simbólica, indireta. Na sua modalidade mais simples, mantém-se a nível do enunciado: uma narrativa vê-se sinteticamente

representada num determinado ponto do seu curso. Numa modalidade mais complexa, o nível de enunciação seria projetado no interior dessa representação: a instância enunciativa configura-se, então, no texto em pleno ato enunciatório. Mais complexa ainda é a modalidade que abrange ambos os níveis, a do enunciado e o da enunciação, fenômeno que evoca, no texto, quer as suas estruturas, quer a instância narrativa em processo (DALLENBACH, 1977, p. 15-17).

Figura 3 – Dan X e Angelo Abu em autorretrato (HQ) e na foto



Fonte: a) ABU; DAN X, 2016, p. 77; b) MACUNAÍMA em quadrinhos⁸

Figura 4 – À esquerda, autorretrato de Tarsila do Amaral⁹. À direita, Abu e Dan X ao lado de Tarsila, Mário de Andrade e Macunaíma



Fonte: a) <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra1552/auto-retrato>, b) ABU; DAN X, 2016, p. 77.

Figura 5 – Intertextualidade de Abu e Dan X com Di Cavalcanti¹⁰

⁸ MACUNAÍMA em quadrinhos. Peirópolis Digital. São Paulo, 30 de maio de 2018. Vídeo. Color. 07 min. 32 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nWndGvt26Bw> Acesso em: 08 ago. 2023.

⁹ *Autorretrato* (1923). Tarsila do Amaral. Óleo sobre tela, 73 cm x 60 cm.

¹⁰ Reprodução fotográfica de Romulo Fialdini. Capa do catálogo da Exposição da Semana de Arte Moderna, 1922. Di Cavalcanti. Acervo do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP – Arquivo Anita Malfatti).



O

Fonte: a) <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra35342/capa-do-catalogo-da-exposicao-da-semana-de-arte-moderna>; b) ABU; DAN X, 2016, p. 61.

Para o livro *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*¹¹, com roteiro e arte de Rodrigo Rosa, 26 cm x 19 cm, colorido, 88 páginas, editado pela Ática em 2017, tem-se uma ‘designação’ pré-textual desnecessária – “rapsódia brasileira” – bem como o ‘informativo’ inócua – “Em busca do amuleto, eles dão início a uma odisséia tupiniquim”. Tais predicativos não fazem correlação com a qualidade imagética da obra, tampouco a advertência feita ao leitor: “Bônus: depois dos quadrinhos, você encontrará informações e curiosidades sobre a época em que a história se passa, além de um *making of* imperdível”. O “bônus” a que se referem corresponde a quatro páginas abertas que absolutamente não são “imperdíveis” assim como não é significativa a propaganda da própria obra, na última capa.

¹¹ A obra tem paratextos. Ficha técnica completa: Gerência de Produção Editorial: Ricardo de Gan Brava. Arte: Coordenação de Narjara Lara. Assistente: Nathalia Laia. Projeto Gráfico de Juliana Vidigal e Thatiana Khalaes. Ilustração e miolo da capa: Rodrigo Rosa. Colorização: Rodrigo Rosa e Fernanda Maya. Iconografia: Sílvio Kligin (supervisão). Estagiários: César Wolf e Fernanda Crevin. Revisão: Hélia de Jesus Gonzaga, Rosângela Muricy, Ricardo Miyake. Estagiária: Isabela Gomes da Cunha Martins. Gerência Editorial de Kandy Saraiva. Edição e textos extras de Camila Saraiva.

Figura 6 – A cor e a abstração do traço de Rodrigo Rosa



Fonte: ROSA, 2017, p. 13.

De excelente tratamento gráfico, a obra tem no desenho (charge) de Rodrigo Rosa: espacialização (*grid*); divisão das cenas sem padronização dos balões de diálogos; uso das cores com referência na obra de Tarsila do Amaral; oscilação das cores nas páginas; supremacia da natureza (como no texto-fonte); o recurso visual da abstração para a representação de cena sexual (ou ‘brincadeira’); emprego de silhuetas, criando ritmo na narrativa visual; aplicação de retículas, proporcionando dinamismo, leveza e fluidez nos desenhos, e outras tantas nuances. Tal como Abu e Dan X, Rodrigo Rosa estabelece intertextualidade com obras de Tarsila do Amaral.

Figura 7 – À esquerda, detalhe da ilustração de Rosa. À direita, *Operários* (1933), de Tarsila do Amaral



Fonte: a) ROSA, 2017, p. 54; b) Disponível em: <https://tarsiladoamaral.com.br>. Acesso em: 20 set. 2023.

Figura 8 – À esquerda, detalhe da ilustração de Rosa. À direita, *Abaporu* (1928), de Tarsila do Amaral



Fonte: a) ROSA, 2017, p. 54; b) Disponível em: <https://tarsiladoamaral.com.br>. Acesso em: 20 set. 2023.

Entende-se que a intertextualidade com as referidas telas de Tarsila do Amaral (1886-1973) está citada e inserida na narrativa, instaurando-se o discurso antropofágico, que se dá por meio das obras, do texto verbal e da recepção do leitor. Ademais, os recursos visuais – muitos deles usados por Abu e Dan X – asseguram o diálogo interartes, na espera de que o leitor sofisticado faça a adesão cultural.

Sabe-se que “abaporu” ou “homem que come gente” ou “homem antropófago” é a ‘soma’ dos vocábulos tupis *aba* = homem, *porá* = gente, *ú* = comer. Trata-se de uma figura humana disforme (quase acéfala), em posição contemplativa, presente numa

paisagem ensolarada e cujo gigantismo assemelha-se à forma agigantada do italiano paulista, personagem do texto-fonte. Tudo isso se confirma em Segredos da adaptação, paratexto da obra de Rosa (2017):

Adaptar uma obra literária que ultrapassa décadas e se consolida como um clássico é um desafio. No processo de adaptação, Rodrigo Rosa buscou não apenas transpor a obra para outro formato, mas também fazer uma releitura usando dados importantes da biografia de Mário de Andrade e do contexto histórico no qual o movimento moderno surgiu. Essa releitura provocou atualizações na narrativa (ROSA, 2017, p. 85).

Por seu turno, a terceira adaptação (ou tradução/transcrição/reação criativa) – *Indecências e desmandos do herói Macunaíma em sua passagem pela Terra-Brasil* (Ed. Marco Zero/1984), de Luiz Antonio Aguiar e Jorge Guidacci – é uma sátira política diacrônica, em miolo p/b e capa colorida. A obra faz uma trajetória cronológica do “achamento” do Brasil, passando por insurreições, ditadura militar, e tendo Macunaíma como um coroadado primevo, sentindo-se no direito de ser dono do Brasil, pela via simbólica do cetro mágico. Há invasões de portugueses e americanos, com presença de avião e mísseis, para roubarem o ouro brasileiro; os vínculos com o texto-fonte aparecem, por exemplo, com o travestimento dos personagens. Tem-se a figura de Macunaíma com pele branca e traço (charge) arredondado (exceto na capa), enquanto os outros personagens são realistas, operando-se um contraste semântico desde a primeira página. Abu e Dan X bem como Aguiar e Guidacci criaram o protagonista em traço estilístico diferenciador dos demais personagens, ao passo que Rodrigo Rosa utiliza um só estilo para todos. Tal animismo em diferenciar o herói dos outros garante assimilação e fluidez da leitura, embora não seja um dispositivo estético que reduza a recepção da obra. E ao contrário do papagaio, que aparece muitas vezes na obra-fonte, pela adaptação de Aguiar e Guidacci, o urubu é o tagarela e antropomorfizado.

Figura 9 – Personagem Macunaíma



Fonte: AGUIAR; GUIDACCI, 1984, p. 40.

Figura 10 – Urubu



Fonte: AGUIAR; GUIDACCI, 1984, p. 09.

No caso em questão, a sátira política não é direcionada ao público infanto-juvenil devido às cenas sexuais retratadas. No livro, há citações visuais com alusão a charges de expoentes brasileiros, como: Delfim Neto, Tiradentes, Lamarca e outros. Na última capa, lê-se:

Pindorama e seus dramas, em quadrinhos. Do fundo da mata virgem, a malandragem se transforma em arte de sobreviver. Resistência? Sim: o etnocídio em ritmo de samba. Presente e passado: a caricatura do mal marcando os traços numa geometria de pesadelo. O porre e a porrada. Macunaíma mais do que símbolo ou perfil psicológico, um traço de união. O visual dos quadrinhos contra a importação colonizadora. O bom selvagem e os bambas da selvageria civilizadora. Está tudo aqui, deglutido nesta velha cozinha canibal. Contra a *nouvelle cuisine* multinacional. Viagem em nosso interior e exorcismo. Outra vez Macunaíma, *comics* e comédia de nossa insubmissão. Vade retro,

Caraíba (Texto de Márcio Souza. *In*: AGUIAR; GUIDACCI, 1984, capa). (Grifos nossos).

Figura 11 – Ilustrações de Luiz Antonio Aguiar e Jorge Guidacci



Fonte: AGUIAR; GUIDACCI, 1984, p. 36-37.

A obra de Luiz Antonio Aguiar e Jorge Guidacci é de rico contraste pictórico, os balões de diálogos são dinâmicos e cada página oferece um elemento-surpresa na composição visual. Certas escalas nos desenhos conferem ritmo às páginas e a diferenciação dos personagens revela um domínio pictural. A narrativa verbal, diferentemente das outras HQs elencadas, não tem a obra de Mário de Andrade como texto-fonte, não obstante, por vezes, traga algumas referências textuais andradinas. Para Aguiar e Guidacci (1984), o conceito “sem caráter” – ao contrário da índole dúbia do personagem do texto-fonte – traduz o desejo de Macunaíma por obter vantagens. Ao abandonar o movimento da Terra-Brasil, ele se defende: “Ora, já estou eleito. Agora, quero minhas mordomias! Mas não se preocupem! Guardei um ministério para cada um de vocês!” (AGUIAR; GUIDACCI, 1984, p. 48). A narrativa termina com a imagem de Macunaíma sendo chutado, acompanhada de um bloco textual em ‘tipografia informativa’, que se difere dos balões de diálogos (FIGURA 12).

Figura 12 – Última página de *Indecências e desmandos do herói Macunaíma em sua passagem pela Terra-Brasil* (1984), de Luiz Antonio Aguiar e Jorge Guidacci



“Dizem que, depois desta consagração final, Macunaíma foi tentar conseguir uma aposentadoria por baixo do pano pelo INAMPS. Outros afirmam que seu nome chegou a ser cogitado para resolver o impasse da sucessão, para negociar com o FMI e para elaborar a propaganda do Governo sobre os sucessos da área econômica. De qualquer forma, o herói sem caráter, tragicômico imperador de uma terra que nunca verdadeiramente possuiu, continua presente. Quem duvidar, que leia os jornais. Há declarações, notícias e principalmente desmentidos que, sem dúvida, tiveram sua origem nas indecências e desmandos do herói Macunaíma, em sua passagem pela História da Terra-Brasil.”

Fonte: AGUIAR; GUIDACCI, 1984, p. 48.

Na dissertação de Elayne Luciana Leite de Melo, intitulada *Macunaíma quadro a quadro: da prosa para a história em quadrinhos* (2018), transcorre uma abordagem transdisciplinar e transmidiática sobre a obra de Abu e Dan X. A autora propicia ao leitor uma notável ‘cartografia’ das citações visuais (referências midiáticas), cotejando-as com a obra-fonte. Para ela, essa adaptação criativa, constituída de citações visuais “agrega novas informações estéticas à narrativa” (MELO, 2018, p. 105).

É importante ressaltar a analogia das citações visuais como procedimento ou recurso multimodal, empregado anteriormente, por exemplo, na HQ de Anne Frank, e que proporciona uma ‘atualização sócio-político-cultural’ da obra-mãe. Nas HQs sobre *Macunaíma*, os artistas sequenciais, ao fazerem uso dos recursos estéticos de citações visuais, de certo vislumbraram oportunizar aos leitores vínculos contemporâneos com o texto-fonte, ampliação de conexões visuais e culturais, trocas sógnicas, desdobramentos intertextuais e intericônicos (interartes). Assim se dá a intermedialidade – fronteiras discerníveis entre as múltiplas formas de arte (RAJEWSKY, 2012, p. 15).

Para Antônio Luiz Cagnin, autor de *Os Quadrinhos* (1975), diferentes contextos são reelaborados pelo leitor: intraicônico – relação entre os variados elementos da imagem; intericônico – relação entre as imagens associadas em série ou sucessão

(sequência); extraicônico – a imagem conectada a elementos de natureza diversa. Essa última variante engloba também o contexto situacional, que aduna o conjunto de elementos comuns ao emissor e ao receptor no ato da comunicação, e contexto global, no qual são inseridas todas as implicações culturais e espaço-temporais. O entendimento das traduções como icônicas, indiciais ou simbólicas, interpretando-as como tipologias, e da natureza da relação entre as mídias em que os signos aparecem e o que eles representam, possibilita apreender as transposições intersemióticas.

Considerações finais

Assim, as razões que fundamentam as reedições, traduções em outros sistemas sógnicos e edições comemorativas de *Macunaíma* são numerosas. Uma delas é defendida pela crítica Telê Ancona: a valorização dessa “ideia de tropicalidade, de uma forma de pensar, sentir e criar específica, que equivale ao abrir os olhos para nossa identidade, captando nela, conseqüentemente, nossas contradições” (LOPEZ, 1978, p. 15). Pode-se compreender, que em 2023, *Macunaíma*, de Mário de Andrade, é obra de domínio público (desde 2015) e ‘inacabada’ – conceito modernista que permite reações criativas, traduções intersemióticas e outras: um “Amor ao Brasil, mas não às cegas, e colhedor de coisas da nossa gente”¹².

Portanto, entender as HQs, sob a perspectiva interartes, implica validá-la como a “iluminação mútua das artes” – enunciado do professor e pesquisador Claus Clüver (2006), ao nomear como concepções equivalentes o Estudo da Intermidialidade e os Estudos Interartes. Para ele, sob a ótica da Literatura Comparada e a primazia da Literatura, há motivos para o Comparativismo ser reconhecido como campo de análise adequado para os Estudos Interartes, mesmo que deixe de abranger todos os desdobramentos e problemáticas atinentes, como: mídias distintas e suas especificidades; os vários sistemas sógnicos; os códigos e suas associações nos diferentes fenômenos artísticos. Clüver (2006) assegura que sempre existe, nos processos intertextuais de produção e recepção, um componente intermediário.

¹² Frase do jornalista e biógrafo Jason Tércio sobre Mário de Andrade. In: EM BUSCA da alma brasileira – uma biografia de Mário de Andrade. Canal Saúde, Ciências e Letras. Vídeo. Color. 25 min. 28 seg. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vYzN3_v2ZB4. Acesso em: 20 set. 2023.

Sem dúvida, o texto-fonte *Macunaíma*, precursor do realismo fantástico, suscita, pelo seu humor, que o personagem desde sempre seja um ‘desgeografado’ (JAFFE, 2011, p. 14) e esteja “inacabado”, permitindo tanto as dezenas de adaptações quanto os desdobramentos estéticos. Soma-se a todas essas relações plurimidiáticas o animismo do herói sem nenhum caráter: “a transformação do herói em formiga quem-quem e em urucum foi tirada de Koch-Grünberg ¹³” (PROENÇA, 1969, p. 166).

A especificidade da arte sequencial permite as articulações sógnicas entre imagem e texto verbal que – munidas da espacialização (*grid*), da ruptura de molduras (sem padronização ou de tamanho diferente dos balões de diálogos), da divisão das cenas, arbitrárias e criativas, do recurso visual da abstração figurativa (quando se quer assim), do condicionamento da leitura – agenciam perdas e ganhos em relação ao texto-fonte. Em *Pescando imagens com rede textual: HQ como tradução* as autoras reivindicam a terminologia ‘tradução’ e não como adaptação ou reescrita. Para elas é importante focalizar processos artísticos que se cruzam, que transgridem categorizações e que se permutam uns com os outros.” (GUERINI & BARBOSA, 2013, introdução)

Nessa ‘reação criativa’ ao texto-fonte, há, pois, uma “intempestividade do contemporâneo” por parte dos artistas-sequenciais (*bricoleurs*) que exigem o pertencimento à atualidade, ao mesmo tempo que buscam entendê-la; daí, se valem das citações visuais. Um gesto duplo de dissociar e anacronizar, posto que esses artistas “coincidem muito plenamente com a época, em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, [mas] não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Mário de Andrade e Rodrigo Rosa definiriam o futuro como “tem mais não”; Abu e Dan X proclamariam “e tudo se acabou se fazendo a vida real”, e Aguiar e Guidacci diriam “toma vergonha, piá”. Vale enfatizar que Aguiar e Guidacci não tiveram um pacto com a obra-fonte, enquanto os outros quadrinistas realizaram suas transcrições comprimindo e suprimindo trechos, com o intuito de adaptarem o texto literário. Nesse

¹³ “Foi lendo de fato o genial etnógrafo alemão que me veio a ideia de fazer do Macunaíma um herói, não do ‘romance’ no sentido literário da palavra, mas de ‘romance’ no sentido folclórico do termo. [...] Copiei sim, meu querido defensor. O que me espanta e acho sublime de bondade, é os maldizentes se esquecerem de tudo quanto sabem, restringindo a minha cópia a Koch-Grünberg, quando copiei todos [...]” (HOLLANDA, 1978, p. 53).

espaço interartes (criativo e inventivo), onde mídias, suportes e signos podem transfigurar, transmutar e transvestir, conclui-se que tudo pode se imbricar, se contradizer, se associar e até mesmo “se constelar” como Macunaíma – da obra-fonte.

Referências

- ABU, Angelo; X, Dan. *Macunaíma em quadrinhos*. Adaptação e ilustração de Angelo Abu e Dan X. São Paulo: Peirópolis, 2016.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.
- AGUIAR, Luiz Antonio; GUIDACCI, Jorge. *Indecências e desmandos do herói Macunaíma em sua passagem pela Terra-Brasil*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. Ilustrações de Camile Sproesser. Rio de Janeiro: Antofágica, 2022.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. Ilustrações de Luiz Zerbini. São Paulo: Ubu, 2017.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. Ilustrações de Mariana Zanetti; posfácio e notas de Noemi Jaffe. São Paulo: FTD, 2016.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. Ilustrações, projeto gráfico e posfácio de Gustavo Piqueira. Cotia: Ateliê Editorial, 2016.
- ANDRADE, Mário de. *Macunaíma* O herói sem nenhum caráter. Ilustrações de Rita Loureiro. Rio de Janeiro: Villa Rica, 1995.
- ARBEX, Márcia. *Intertextualidade e Intericonicidade*. As relações entre pintura e literatura vistas a partir do Surrealismo. Disponível em: <http://www.letas.ufmg.br/site/publicacoes/LIVROCOLOQSEM7.doc>. Acesso em: 20 set. 2023.
- CAGNIN, Antônio Luiz. *Os Quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- CAGNIN, Antônio Luiz. *Os quadrinhos – linguagem e semiótica*. Um estudo abrangente da arte sequencial. São Paulo: Editora Criativo, 2014
- CAMPOS, Haroldo de. *Morfologia do Macunaíma*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CLÜVER, Claus. Inter Textus /Inter Artes /Inter Media. In: *Aletria*: Revista do Departamento de Estudos Literários, Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, n. 14, p. 11-41, jul./dez. 2006.

DAIBERT, Arlindo. *Macunaíma de Andrade/ Arlindo Daibert*. Edição comemorativa da Descoberta do Brasil e 40 anos da UFJF. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2000.

DALLENBACH, Lucien. *Le récit spéculaire*. Essai sur la mise en abyme. Paris: Éditions du Seuil, 1977.

DINIZ, Thaís Flores Nogueira; VIEIRA, André Soares. (org.). *Intermedialidade e Estudos Interartes*. Desafios da arte contemporânea, v. 2. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

EISNER, William Erwin. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

EISNER, William Erwin. *Quadrinhos e arte sequencial*. São Paulo: : Editora WMF Martins Fontes Ltda., 2015

EM BUSCA da alma brasileira – uma biografia de Mário de Andrade. Canal Saúde, Ciências e Letras. Vídeo. Color. 25 min. 28 seg. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vYzN3_v2ZB4. Acesso em: 20 set. 2023.

FOLMAN, A. & POLONSKY, D. *Anne Frank's Diary: The Graphic Adaptation*. New York:

Pantheon Books, 2018.

GUERINI, Andreia; BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. (Orgs.) *Pescando imagens com rede textual: HQ como tradução*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2013.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Macunaíma: da literatura ao cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio; Empresa Brasileira de Filmes, 1978.

JAFFE, Noemi. *Macunaíma*. Folha Explica. São Paulo: Publifolha, 2001.

LOPES, João José. 2013. 125 f. *Entre o mato virgem e a selva de pedra – análise dos espaços em Macunaíma (1928), de Mário de Andrade*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2013.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Macunaíma*. O herói sem nenhum caráter. Edição Crítica. Rio de Janeiro/São Paulo. LTC – Livros Técnicos e Científicos/Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

MACUNAÍMA em quadrinhos. Peirópolis Digital. São Paulo, 30 de maio de 2018. Vídeo. Color. 07 min. 32 seg. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nWndGvt26Bw> Acesso em: 08 ago. 2023.

MATOS, Lucineide Magalhães de. 2018. *Macunaíma em Quadrinhos*. Uma rapsódia gráfico-visual antropofágica. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2018.

MELO, Elayne Luciana Leite de Melo. 2018. *Macunaíma quadro a quadro: da prosa para a história em quadrinhos*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2018.

OLIVEIRA, Solange. *Perdida entre signos: literatura, artes e mídias, hoje*. Belo Horizonte: UFMG, Faculdade de Letras, 2012.

PROENÇA, Manoel Cavalcanti Proença. *Roteiro de Macunaíma*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1950 [1969].

RAJEWSKY, Irina O. A fronteira em discussão: o status problemático das fronteiras midiáticas no debate contemporâneo sobre intermedialidade. *In: DINIZ; VIEIRA. (org.). Intermidialidade e Estudos Interartes*. Desafios da arte contemporânea, v. 2, p.15.

ROSA, Rodrigo. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter (Texto em Quadrinhos)*. Adaptação e ilustração de Rodrigo Rosa. São Paulo: Ática, 2017.

SOUZA; Eneida Maria de. *A pedra mágica do discurso*. Jogo e linguagem em *Macunaíma*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1988.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O tupi e o alaúde*. Uma interpretação de *Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.